



A BIBLIOTECA COMO JARDIM VIVO: LEITURA, MEDIAÇÃO E RESISTÊNCIA POÉTICA EM MICHÈLE PETIT

THE LIBRARY AS A LIVING GARDEN: READING, MEDIATION AND POETIC RESISTANCE IN MICHÈLE PETIT

Luciana Ribeiro da CRUZ¹

Universidade Federal do Tocantins (UFNT/UMA)

E-mail: luciana.rib.cruz@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9408-3286>

Lucélia Ribeiro da CRUZ²

Universidade Federal do Tocantins (UFNT/UMA)

E-mail: ribeirilucelia21@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0005-8170-6818>

Thatiany Milhomem Timóteo de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Tocantins (UFNT/UMA)

E-mail: thatyprof@bol.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-0857-6469>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a leitura e a biblioteca a partir das obras de Michèle Petit, especialmente em *Somos todos animais poéticos* e *A arte de ler*. A pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem teórico-interpretativa, fundamentada em análise bibliográfica. Parte-se da compreensão da leitura como um ato subjetivo, simbólico e de resistência, que se manifesta tanto na experiência individual quanto na mediação cultural. Discute-se a biblioteca como um espaço vivo, afetivo e estético, que abriga escuta, imaginação e pertencimento. Também são exploradas as contribuições dos mediadores (educadores, bibliotecários e contadores

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFT).

Graduada em Ciências Matemática (UFT) e em Pedagogia (FPA). e-mail: luciana.rib.cruz@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9408-3286>.

² Especialista em Gestão e Orientação Educacional pela Faculdade Integrada de Várzea Grande (FIAVEC). Graduada em Ciências Matemática (UFT). Graduada em Pedagogia pela Faculdades Integradas de Cruzeiro (FIC). e-mail: ribeirilucelia21@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8170-6818>.

³ Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Panamericana (FPA). Graduada em Normal Superior pela UNITINS - TO. e-mail: thatyprof@bol.com.br/ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0857-6469>.

de histórias) na criação de vínculos entre texto, leitor e comunidade. O estudo revela que a leitura, em contextos adversos, oferece proteção psíquica e reinvenção da vida, configurando-se como um gesto poético de resistência. Conclui-se que a biblioteca, longe de ser um espaço neutro, atua como território simbólico em constante transformação, onde histórias são cultivadas como sementes de subjetividade, memória e esperança.

Palavras-chave: Leitura. Biblioteca. Mediação. Subjetividade. Resistência.

ABSTRACT

This article aims to reflect on reading and libraries through the lens of Michèle Petit's works, especially *We Are All Poetic Animals* and *The Art of Reading*. The research is qualitative and theoretical-interpretative in nature, based on bibliographic analysis. It begins with the understanding of reading as a subjective, symbolic, and resistant act that unfolds both in individual experience and cultural mediation. The library is discussed as a living, affective, and aesthetic space that fosters listening, imagination, and belonging. The role of mediators (educators, librarians, and storytellers) in building bridges between texts, readers, and communities is also examined. The study shows that, in adverse contexts, reading offers psychic protection and a way to reinvent life, becoming a poetic act of resistance. It concludes that the library, far from being a neutral place, acts as a symbolic and transformative territory where stories are cultivated as seeds of subjectivity, memory, and hope.

Keywords: Reading. Library. Mediation. Subjectivity. Resistance.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada por múltiplas formas de ruptura: desigualdade social, violência simbólica, colapsos afetivos e crises de pertencimento. Nesse cenário de fragmentação, os espaços simbólicos ganham importância vital como refúgios de reconstrução subjetiva e coletiva. É nesse contexto que a leitura e a biblioteca emergem não apenas como práticas culturais ou institucionais, mas como territórios de resistência, criação e reinvenção da vida. Entre os pensadores

contemporâneos que melhor traduzem essa perspectiva está Michèle Petit, antropóloga e pesquisadora francesa, cuja obra ilumina o valor da leitura em tempos de crise.

Michèle Petit propõe uma abordagem da leitura para além da decodificação e da técnica: para ela, ler é um gesto poético, um ato íntimo e simbólico que permite ao sujeito reorganizar sua experiência emocional e cultural. Em suas investigações com jovens, migrantes, leitores em zonas de conflito ou exclusão, Petit revela a potência da leitura como ferramenta de resgate identitário e como possibilidade de instaurar sentido onde reina o caos. Portanto, “leitura, nesse sentido, é também escuta, travessia, acolhimento e abertura ao outro” (Fongaro e Stedile, 2025, p. 17).

Nesse contexto, compreender a leitura como prática simbólica de cuidado exige repensar o próprio lugar que ela ocupa nos espaços educativos e culturais. Mais do que um instrumento funcional ou uma obrigação curricular, a leitura precisa ser reconhecida como experiência que afeta, mobiliza e transforma. Quando tratada como um gesto poético, ela permite que o leitor negocie sentidos com o texto e, ao mesmo tempo, com sua própria história.

Essa dimensão relacional da leitura torna-se ainda mais relevante em contextos de vulnerabilidade, em que o sujeito encontra no imaginário literário não uma fuga da realidade, mas uma forma de reexistir nela. Ler, nesse sentido, não é apenas compreender um enredo, mas encontrar imagens que sustentem a vida e palavras que devolvam dignidade ao silêncio imposto por experiências de dor ou exclusão.

A leitura, segundo Petit (2009), “ajuda a resistir à adversidade”, oferecendo um espaço simbólico para elaborar traumas, redescobrir a esperança e imaginar novos caminhos. Essa perspectiva rompe com a visão utilitarista ou escolarizada da leitura e inscreve o ato de ler em uma dimensão antropológica e afetiva, onde o sujeito é convidado a se reconstruir por meio da linguagem. A leitura torna-se, portanto, uma prática de cuidado e um gesto de resistência simbólica.

Paralelamente, a biblioteca é concebida por Petit como um espaço que deve ir além do acúmulo de livros e do silêncio disciplinar. Em *Somos todos animais poéticos* (2016), ela propõe a metáfora do “jardim”, um lugar vivo e sensível, onde as palavras florescem, onde há espaço para a escuta, para o encontro e para a imaginação. A

biblioteca como jardim não é estática, mas pulsante: um espaço de circulação de histórias, afetos e saberes que cultivam o pertencimento e a subjetividade dos leitores.

Dentro dessa visão, a mediação da leitura — realizada por bibliotecários, professores, contadores de histórias e outros agentes culturais — ganha papel central. São esses mediadores que constroem pontes entre os leitores e os textos, respeitando os tempos, os silêncios e os contextos de cada sujeito. A mediação, conforme Petit (2009), é sempre uma aposta na escuta e no cuidado com o outro, pois se dá a partir do desejo de compartilhar mundos possíveis, reinventando modos de narrar e de existir.

Nesse processo de mediação, torna-se essencial reconhecer que o ato de ler não se dá em um vazio social ou neutro. Cada leitor carrega consigo marcas culturais, afetivas e históricas que interferem em sua relação com o texto. Por isso, a mediação não deve se limitar a técnicas de incentivo à leitura, mas assumir uma dimensão ética e sensível, que valorize os percursos individuais e a escuta atenta das necessidades simbólicas de cada sujeito.

A mediação, quando feita com intencionalidade e sensibilidade, transforma-se em um gesto político e afetivo: cria vínculos, produz reconhecimento e sustenta processos de pertencimento. Ao entender o leitor como um ser em constante construção, o mediador atua não como transmissor de conteúdo, mas como alguém que acompanha e potencializa a travessia entre palavra e vida.

Assim, este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da leitura, da mediação cultural e da biblioteca como espaços de resistência simbólica e formação de subjetividades, a partir das obras de Michèle Petit. O estudo fundamenta-se em pesquisa qualitativa, de caráter teórico-interpretativo, com base na análise de suas principais obras e de autores que dialogam com sua abordagem, como Roger Chartier, Paulo Freire e Carla Paredes.

A relevância do tema se acentua diante dos desafios enfrentados pelas instituições culturais e educacionais contemporâneas, sobretudo em contextos marcados pela exclusão, pela desigualdade de acesso ao livro e à leitura, e pela fragilidade das políticas públicas de fomento cultural. Assim, “pensar a biblioteca como um espaço vivo e a leitura como um ato de resistência é afirmar a centralidade

da cultura no cuidado de si e na construção de vínculos comunitários” (Rasteli e Caldas, 2019, p. 9).

A partir dessa perspectiva, a leitura não é apenas ferramenta de formação, mas condição simbólica de existência. Este artigo, ao articular leitura, mediação e biblioteca a partir da obra de Michèle Petit, propõe compreender como esses elementos se entrelaçam na construção de experiências de pertencimento, criatividade e esperança, especialmente nos territórios marcados por dor, silêncio e ausência.

METODOLOGIA

Este artigo insere-se no campo das pesquisas qualitativas, de natureza teórico-interpretativa, com abordagem bibliográfica. A escolha por esse tipo de metodologia se justifica pela complexidade e pela profundidade do objeto de estudo: a leitura como prática simbólica, afetiva e cultural, articulada aos conceitos de mediação, subjetividade e resistência, a partir da obra de Michèle Petit. Ao investigar sentidos que não se traduzem por dados mensuráveis, mas por vivências, relações simbólicas e construções subjetivas, opta-se por uma abordagem que privilegia a interpretação crítica dos textos e contextos analisados.

A metodologia teórico-interpretativa baseia-se na análise textual e conceitual das ideias centrais desenvolvidas por Petit, especialmente em *A arte de ler* (2009) e *Somos todos animais poéticos* (2016). Essas obras foram escolhidas por condensarem o pensamento da autora sobre a leitura como experiência existencial, além de oferecerem um panorama sensível sobre o papel das bibliotecas, da escuta e da imaginação na construção de subjetividades. O estudo ainda se apoia em autores que dialogam com essa perspectiva, como Roger Chartier, Paulo Freire, Carla Regina Paredes e Cristina Pietraroia.

A análise bibliográfica, segundo Gil (2008), permite a sistematização de conhecimentos já produzidos sobre determinado tema, possibilitando ao pesquisador compreender o estado da arte e construir novas interpretações a partir de uma leitura crítica. No caso deste estudo, a bibliografia não foi utilizada apenas como fonte de informações, mas como espaço de diálogo e reflexão. O objetivo é

pensar com os autores e não apenas sobre eles, o que confere ao trabalho um caráter hermenêutico e reflexivo.

Além da leitura atenta das obras, a metodologia adotou como procedimento a categorização temática dos principais eixos conceituais presentes na produção de Michèle Petit. Os eixos definidos foram: (1) leitura como experiência subjetiva e poética; (2) a biblioteca como espaço simbólico e afetivo; (3) a mediação da leitura como prática cultural e social; (4) a leitura como resistência simbólica; e (5) a biblioteca viva como espaço de criação e escuta. Esses eixos estruturaram a organização da fundamentação teórica e serviram de guia para a construção dos argumentos.

A análise dos fragmentos selecionados seguiu o critério de relevância conceitual, priorizando trechos que elucidassem o papel da leitura como prática de resiliência, pertencimento e imaginação. Também foram considerados trechos em que Petit dialoga com contextos de exclusão social, violência simbólica ou experiências de migração, nos quais a leitura e a biblioteca se apresentam como dispositivos de acolhimento e reconstrução subjetiva.

Para reforçar a validade da interpretação, foram consultadas resenhas, entrevistas e artigos acadêmicos que analisam a obra de Michèle Petit, a fim de identificar convergências e ampliar o escopo analítico. Essa triangulação bibliográfica garantiu maior profundidade à análise e permitiu enriquecer a leitura das obras principais com perspectivas complementares, especialmente no que diz respeito à mediação cultural e à função social da biblioteca.

O uso da linguagem interpretativa foi fundamental para sustentar a coerência interna do trabalho, evitando reducionismos e respeitando a complexidade simbólica dos conceitos explorados. Como ressalta Gadamer (2006), a interpretação de um texto deve considerar o horizonte do leitor e do autor, promovendo uma fusão de horizontes. Esse princípio orientou a escrita do artigo, buscando uma escuta sensível da proposta de Petit e sua ressignificação à luz do contexto brasileiro e latino-americano.

Cabe, portanto, destacar que esta metodologia não visa comprovar hipóteses, mas construir sentidos. A proposta é compreender e comunicar, de forma articulada, como os conceitos de leitura, mediação e biblioteca, formulados por Petit, podem

contribuir para um entendimento mais amplo e humanizado das práticas culturais em tempos de adversidade. A pesquisa, portanto, assume um caráter interpretativo, ético e comprometido com a transformação simbólica da realidade.

A VISÃO POÉTICA DE MICHÈLE PETIT SOBRE LEITURA, BIBLIOTECA E SUBJETIVIDADE

Com sensibilidade e profundidade raras, Michèle Petit oferece uma visão da leitura que ultrapassa a função escolar e técnica geralmente atribuída a ela. Em suas obras, como o ensaio *A arte de ler* e o capítulo *A biblioteca como jardim*, do livro *Somos todos animais poéticos*, Petit revela a potência simbólica da leitura como experiência subjetiva, afetiva e transformadora. Para ela, o ato de ler é um gesto de reconstrução de si, uma forma de resistência diante das perdas e uma abertura para o imaginário e para o outro. A biblioteca, por sua vez, não é vista apenas como um espaço físico de acervo, mas como um jardim simbólico, um lugar de escuta, acolhimento e criação. Nesta fundamentação teórica, propomos uma leitura articulada desses fragmentos, explorando cinco eixos centrais que estruturam a perspectiva da autora: a leitura como experiência subjetiva, a biblioteca como espaço simbólico, o papel da mediação cultural, a leitura como resistência e a biblioteca viva como lugar de escuta e imaginação.

A Leitura como Experiência Poética e Subjetiva

A leitura, para Petit (2009), inaugura um espaço interno que transcende o mero decifrar signos: ela é um gesto poético, capaz de mobilizar a memória, a emoção e a imaginação, promovendo uma sutil reconstrução do sujeito. Como a própria autora escreve, “mais do que a decodificação dos textos... o essencial da leitura era... esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas”. Nessa experiência, o leitor não apenas consome conteúdo, mas apropria-se do texto, tecendo novos significados e reconstruindo sua identidade.

Petit (2009) prossegue afirmando que:

Ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair. Por meio dele o leitor traça a sua autonomia [...]. A leitura, assim, configura um

território simbólico de liberdade, onde o sujeito pode se refazer, criar vínculos com universos diversos, e experimentar sua própria potência de habitar diversas existências. Trata-se de um movimento de interiorização que se expande para além da técnica, urgentemente marcado por um impulso criador (Petit, 2009, p. 56).

Essa dimensão poética da leitura ganha densidade quando lembramos a definição de Barthes (1970) sobre o texto como “tecido de citações”, espaço de apropriação. Para Barthes, o leitor é um “escritor do texto”, que relê, reescreve e reelabora sentidos. A aproximação destas ideias com a posição de Petit revela o quanto a leitura é ato de subjetivação — tanto literária quanto afetiva — fomentando um espaço de liberdade interior.

A leitura, na perspectiva de Petit, é também vital na formação da identidade, especialmente em contextos de crise. A antropóloga cita testemunhos de jovens latino-americanos que encontraram nas páginas dos livros um “suporte, um abrigo” em momentos de deslocamento ou violência. Esses relatos reforçam a ideia de que o texto pode servir como âncora psíquica e afetiva, iluminando assim o caráter terapêutico e reconstruidor da leitura.

Nesse contexto, é possível recorrer a Cândido, que em “Formação da Literatura Brasileira” (1959) enfatiza a capacidade da literatura de expressar a alma social e individual.

Segundo Cândido,

O leitor é chamado a dialogar com os outros e com seu próprio contexto — precisamente a dinâmica que Petit observa em *A arte de ler*, onde o leitor se vê refletido e ampliado no confronto com histórias e linguagens diversas. Esse processo não é apenas individual, mas também social, pois envolve o reconhecimento do outro e de si mesmo por meio da leitura. Assim, a leitura torna-se uma experiência transformadora, capaz de gerar empatia, autoconhecimento e uma compreensão mais profunda do mundo ao redor (Cândido, 1959, p. 51).

Assim, a leitura poética implica intimidade. Petit (2009) aponta que “assim a leitura se mostra paradoxal, permitindo ao mesmo tempo uma escapada solitária e encontros”. Essa tensão entre solidão e encontro torna-se produtiva: o leitor vive uma subjetividade compartilhada com o autor e com outros leitores, mesmo no silêncio do espaço individual. É um salto sutil entre o íntimo e o coletivo.

Ler produz, ainda, resiliência. Quando Petit (2009) pergunta: “Quais são, com efeito, os textos que ajudam a viver em tempos difíceis?”, ela não apenas propõe um questionamento, mas aponta para a potência da leitura como mecanismo de enfrentamento das adversidades — uma “resistência” simbólica, por assim dizer, como veremos na seção 3.4 deste artigo.

É relevante destacar o vínculo entre leitura e linguagem simbólica no pensamento de Petit. Em suas palavras:

O que determina a vida dos seres humanos é em grande medida o peso das palavras, ou o peso de sua ausência. Quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo.... Nomear é existir simbolicamente; por meio da leitura, o sujeito encontra palavras para suas dores, abrindo-se à transformação (Petit, 2009, p. 72).

Nesse sentido, a leitura assume um papel fundamental na elaboração da experiência humana, funcionando como mediadora entre o vivido e o significado que se atribui a ele. Ao acessar narrativas diversas, o sujeito entra em contato com múltiplas formas de sentir, pensar e existir, o que amplia seu repertório simbólico e emocional. Essa mediação permite que a leitura atue não apenas como espelho, mas também como horizonte, possibilitando a ressignificação das vivências e o fortalecimento do eu diante das adversidades.

Em síntese, a leitura, segundo Petit, não é uma habilidade neutra, mas uma experiência subjetiva e poética que constrói identidade, autonomia e resiliência. Ela é espaço simbólico de liberdade íntima, sustentáculo em tempos de crise, e palco de transformação interior. A leitura é, enfim, um laboratório de vida — uma oficina de subjetividade poética.

A Biblioteca como Jardim: Espaço Simbólico e Afetivo

Petit (2016), em *Somos todos animais poéticos*, propõe a metáfora da biblioteca como jardim, invertendo a lógica tradicional que a vê como depósito de livros e informação estática. Ela nos convida a enxergar esse espaço como um lugar de cultivo — de sentidos, afetos, histórias que nascem e florescem no encontro entre leitor e livro. A biblioteca, assim, deixa de ser um repositório para tornar-se sítio de vivências poéticas e encontros com o outro e consigo mesmo.

A autora enfatiza que “a biblioteca é um jardim aberto às deambulações dos sentidos”, um espaço que oferece caminhos múltiplos e inesperados. Essa ideia desafia a concepção fria e mecanicista dos acervos, substituindo-a por uma imaginação ativa que atribui sentidos renovados a cada livro, prateleira e leitor. É um jardim vivo, em constante transformação, onde cada leitura ajuda a germinar novas formas de ver o mundo.

Nesse contexto, a biblioteca assume papel de acolhimento afetivo. Ela não serve apenas como ambiente para estudar, mas como espaço de abrigo simbólico para o sujeito que busca consolo, companhia ou inspiração.

Como apontam Medeiros Nogueira et al (2020):

A biblioteca pode funcionar como “espaço de acolhimento, inclusão e promoção da diversidade”. Uma leitura que dialoga diretamente com a visão de Petit sobre a dimensão afetiva e simbólica do espaço. Mais do que um local de acesso à informação, a biblioteca torna-se território de escuta e reconhecimento, onde diferentes vozes e histórias encontram lugar. Nesse ambiente, a leitura ganha potência relacional, favorecendo a construção de vínculos e o fortalecimento da identidade dos sujeitos (Medeiros Nogueira et al, 2020, p. 39).

A relação entre leitor e biblioteca aborda também uma dimensão comunitária. Michèle Petit observa que, ao percorrer suas “rudezas e curvas”, um leitor pode encontrar outros leitores, mediadores e espaços de troca simbólica. Essas conexões sociais se intensificam por meio de práticas bibliotecárias coletivas, como rodas de leitura, saraus e conversas informais, que fomentam o encontro e o pertencimento.

Nesse mesmo sentido, Vahl (2015) destaca o papel da biblioteca pública como um espaço de promoção da diversidade, enfatizando sua função social na valorização de diferentes vozes e experiências. A autora acrescenta sua posição nos informando que:

A biblioteca se configura como um território coletivo de escuta, diálogo e transformação, onde diferentes sujeitos podem se encontrar, compartilhar experiências e construir sentidos em torno da leitura e da convivência. Ela não é apenas um repositório de livros, mas um espaço vivo de interação simbólica e social. Ao acolher múltiplas vozes, culturas e trajetórias, promove o respeito à diversidade e o fortalecimento da cidadania. Suas práticas, quando orientadas pela inclusão, tornam-se catalisadoras de vínculos comunitários e de construção identitária. Nesse ambiente, a leitura

ganha uma dimensão ampliada: torna-se instrumento de escuta sensível e de transformação individual e coletiva (Vahl, 2015, p. 64).

Nessa perspectiva, a estética do espaço físico da biblioteca é igualmente significativa. Como salienta Petit, o arranjo, a luz, o silêncio ou o ruído, os objetos decorativos – tudo isso interfere na experiência emocional do leitor, moldando um ambiente que convida ao devaneio ou ao recolhimento. Um espaço bem cuidado comunica, simbolicamente, que o leitor é bem-vindo e que sua presença importa. Assim, a biblioteca deixa de ser apenas funcional e passa a ser também um lugar de afeto, pertencimento e construção de sentido.

Pereira (2006) reforça esse ponto ao destacar que:

Bibliotecas bem iluminadas, arejadas e esteticamente cuidadas potencializam a experiência leitora e o prazer de permanecer no local. A chamada *biblioteca-jardim* valoriza práticas mediadoras como contação de histórias e grupos de leitura, que aproximam os leitores do espaço e dos livros. Nesse sentido, essas ações contribuem para que o leitor — seja criança ou adulto — se sinta reconhecido como sujeito de sua própria experiência. Ao perceber que a biblioteca se importa com ele, fortalece-se o vínculo afetivo com o espaço. Essa hospitalidade é essencial para que a biblioteca se torne, de fato, um ambiente acolhedor, significativo e transformador (Pereira, 2006, p. 55).

Em bibliotecas comunitárias, esse conceito de jardim torna-se ainda mais potente. A experiência da Biblioteca Caminhos da Leitura, localizada em Parelheiros, distrito rural da cidade de São Paulo, ilustra como prateleiras baixas, espaços flexíveis e uma mediação empática transformam o local em um jardim acessível, onde histórias e sentidos circulam livremente entre os leitores. A biblioteca deixa de ser um espaço fechado e formal para se tornar um ambiente acolhedor e dinâmico, que promove o encontro e a diversidade cultural. A analogia de Petit sobre a biblioteca como espaço vivo não poderia ser mais concreta nesse contexto, onde o espaço físico e social se entrelaçam para fomentar a participação e a construção coletiva do conhecimento.

Finalmente, a biblioteca como jardim inspira um movimento de transformação social e cultural. Ela não apenas acolhe, mas também promove a formação de leitores críticos e afetivamente conectados com seus contextos. Ao reimaginar a biblioteca como jardim simbólico, Petit oferece uma visão que alia estética, afetividade,

pertencimento e imaginação — contribuindo para a formação de um leitor integral, capaz de crescer com o encontro do outro e consigo mesmo.

Leitura e Pertencimento: Mediação Cultural e Social

Para Petit (2009), “a leitura não é apenas um diálogo íntimo entre leitor e texto, mas uma ponte que conecta indivíduos, culturas e comunidades”. Em suas pesquisas, especialmente em contextos de crise, ela revela que práticas de leitura coletiva — conduzidas por mediadores sensíveis — não apenas ampliam o acesso aos livros, mas constroem pertença e vínculos sociais. A leitura mediada funciona como espaço de escuta e reconhecimento, onde a inclusão discursiva favorece a construção de uma identidade compartilhada.

A autora caracteriza a mediação da leitura coletiva como uma “atividade cultural, educativa e, em certos casos, política”. Isso porque o ato compartilhado de leitura — especialmente em locais marcados por violência ou exclusão — possibilita uma mobilização da palavra, do pensamento e da imaginação. Nesse ambiente, o mediador se torna um facilitador de vozes plurais, criando um espaço que respeita ritmos e culturas singulares de cada participante, portanto, um espaço de pertencimento afetivo e simbólico.

A importância dos mediadores — sejam bibliotecários, educadores ou contadores de histórias — é amplamente evidenciada na literatura sobre mediação cultural. Targino (2020), observa que:

Práticas de mediação, em bibliotecas comunitárias, são estratégias eficazes para inclusão social, criando diálogos com novas linguagens e códigos visuais. Esse caráter inclusivo fortalece laços comunitários através da leitura compartilhada, consolidando a biblioteca como um espaço de encontro. Essas práticas promovem a valorização das diferentes culturas e experiências presentes na comunidade, contribuindo para a construção de um ambiente mais plural e acolhedor. Dessa forma, a mediação atua como ponte que conecta indivíduos, estimulando o protagonismo e o senso de pertencimento entre os participantes (Targino, 2020, p. 78).

Nesse contexto, a mediação em bibliotecas comunitárias não se limita à simples facilitação do acesso ao livro, mas se expande para a construção de vínculos afetivos e culturais que fortalecem o tecido social local. Ao integrar linguagens diversas e práticas participativas, essas mediações promovem o protagonismo dos

leitores e incentivam a apropriação do espaço como território de pertencimento. Essa dinâmica reforça a ideia de que a biblioteca é muito mais do que um ambiente físico; é um espaço vivo onde se constroem sentidos compartilhados e se valoriza a diversidade presente na comunidade.

A pesquisa de Almeida Júnior e Bortolin (2008) corrobora com essa perspectiva dizendo que:

Todo ato de mediação pressupõe uma interferência”, mas essa intervenção torna-se legítima quando ajuda o leitor a “fruir” a obra e ampliar seu universo simbólico. O papel do mediador, portanto, não é o de impor interpretações, mas estimular a fruição estética e o autêntico encontro entre leitor e texto. Esse processo valoriza a singularidade de cada leitor, respeitando suas experiências e sensibilidades, e incentiva uma relação mais profunda e crítica com a leitura. Assim, a mediação se configura como um convite ao diálogo aberto, no qual o sentido da obra é construído de forma colaborativa e enriquecedora (Almeida Júnior e Bortolin, 2008, p. 39).

Petit (2009) enfatiza que “a mediação deve considerar o contexto cultural e social do leitor”, reconhecendo que cada indivíduo carrega consigo uma trajetória única. Em suas análises de experiências na América Latina, ela destaca casos em que jovens, muitas vezes afastados do ambiente escolar por questões familiares ou sociais, reencontraram um sentido de pertencimento e identidade por meio da participação em pequenos grupos de leitura.

Nessas situações, a leitura deixou de ser um ato solitário para se tornar um espaço coletivo de escuta, expressão e reconstrução simbólica. Por isso, a fidelidade ao contexto e a sensibilidade do mediador são fundamentais para que a biblioteca se configure como um verdadeiro espaço de acolhimento cultural.

Ainda segundo ela, os mediadores educam leitores não apenas em termos de habilidade técnica, mas também de pertencimento estético e social. Eles realizam um “trabalho sobre si mesmos”, pois devem trazer à tona suas próprias afetividades e relações com os livros, evitando que a leitura seja percebida como imposição.

Freire (1996), também reforça essa visão: para ele,

Ler transcende a decodificação. A leitura implica no contato entre leitor e mundo, num processo dialógico que vai além da alfabetização técnica. A mediação, então, desempenha papel central tanto no ato de ler quanto no de viver a leitura num contexto social. A leitura

mediada é leitura situada, política e comunitária, capaz de formar sujeitos críticos (Freire, 1996, p. 49).

Nesse sentido, Lima e Perrotti (2016) argumentam que “o mediador deve possuir competências interdisciplinares, atuando com protagonismo cultural para fomentar apropriação”. Essa atribuição política e social à mediação aproxima-se da visão de Petit de leitores que, ao serem ouvidos na sua singularidade, emergem como agentes de sentido em comunidade.

Dessa forma, a leitura mediada nas bibliotecas comunitárias revela-se uma prática profundamente cultural, social e afetiva, capaz de transformar tanto os sujeitos quanto os espaços em que se insere. A mediação não se resume a um ato técnico, mas envolve escuta, presença e sensibilidade diante das múltiplas realidades dos leitores. Ao promover pertencimento, estimular o diálogo e valorizar a diversidade, o mediador atua como agente de construção simbólica e emancipação social. Assim, a leitura torna-se um exercício de liberdade e encontro, e a biblioteca, um território vivo de formação cidadã, memória coletiva e transformação comunitária.

Resistência Simbólica: Ler como Ato de Resistência e Refúgio

Em tempos de violência, caos ou perda, a leitura assume um caráter de resistência simbólica, oferecendo ao leitor um refúgio psíquico e afetivo. Em *A arte de ler*, Petit (2009) observa que a leitura “auxilia na reconstrução de si mesmo em um ambiente de devastação seja por guerra, exílio ou outra experiência traumática”. Nesse sentido, o ato de ler torna-se um gesto de cuidado — discreto, porém potente — que reconecta o indivíduo consigo mesmo.

Para ilustrar esse fenômeno, Petit (2009) relata a experiência de jovens colombianos que viviam em contextos marcados pelo conflito armado. Nesses ambientes de violência e ruptura, a literatura oral — especialmente os mitos locais — tornou-se um caminho para que esses jovens redescobrissem suas histórias e geografias. Ao entrarem em contato com essas narrativas, “a palavra daqueles jovens... começou a brotar e eles se puseram a contar”, como destaca a autora. A leitura e a narração, nesse caso, não foram apenas práticas culturais, mas verdadeiros

instrumentos de reconstrução da memória e da identidade, justamente em um cenário onde essas dimensões haviam sido profundamente fragmentadas.

Petit (2009) recorre ainda ao conceito psicanalítico de espaço transicional — inspirado em Winnicott (1975) para explicar como a leitura reata fios soltos da subjetividade: o leitor, em contato com o texto, “compensa o que sobrou apenas o medo e o desconcerto”. Nessa analogia, o livro funciona como um objeto transicional que reconstrói uma economia afetiva e simbólica perdida.

A materialidade do livro assume, assim, função protetiva e vital. A leitura “consola, acalma, pois aciona nossos registros traumáticos mais obscuros” — um processo comparável ao sonho, que ajuda a metabolizar traumas diários. O livro oferece uma ordem secreta, uma narrativa que contém o caos, e permite que a realidade seja suportada sem desmoronar.

Essa dimensão terapêutica da leitura também foi observada por Chartier (1998) e Certeau (1994), que identificam práticas de leitura como formas de resistência aos discursos dominantes e às disciplinas institucionais. Petit (2009) recorre a esses autores ao afirmar que “a leitura auxilia na (re) organização de sujeitos em crise”, subvertendo discursos instituídos e possibilitando uma subjetividade reorganizada.

Nesse sentido,

A leitura pode funcionar como uma reconstrução simbólica, uma forma de religar fragmentos de si mesmo. Ela oferece palavras para o que ainda não havia sido dito, permitindo reorganizar o vivido e dar sentido ao sofrimento. Em contextos de crise, ler é uma maneira de resistir, de se reinventar e de se reconectar com a vida. É criar, por meio das palavras dos outros, um abrigo interior onde seja possível continuar existindo (Petit, 2009, p. 72).

A relação entre leitura e memória é central nesse processo. Ao transportar o leitor para seus próprios “vapores de sensações esquecidas”, o livro funciona como um portal que conecta infância, dor e esperança. Esse movimento permite que as experiências dolorosas sejam reinseridas em narrativas que fazem sentido, reconstróem identidades e alimentam a esperança.

Como ressalta Pietraroia (2024), ao comentar *Somos animais poéticos*:

Quando a beleza literária “traz de volta a capacidade de sonhar, ela permite dar forma e sentido a acontecimentos insanos, funcionando como antídoto ao horror. A leitura simbólica, então, não é neutra: é uma ferramenta de cuidado, que protege e reinventa o sujeito. Ao acessar imagens e palavras carregadas de significado, o leitor encontra caminhos para reelaborar traumas e reconstruir sua narrativa interna. Nesse processo, a literatura se torna espaço de reparação, oferecendo refúgio e possibilidade de renascimento subjetivo (Pietrarroia, 2024, p. 51).

Em síntese, Petit (2009) revela que o livro atua simultaneamente como escudo e lanterna: um escudo que protege a psique contra os ataques do mundo, acolhendo suas cicatrizes, e uma lanterna que ilumina novos caminhos de reinvenção e esperança. Nesse sentido, a leitura se configura como uma forma potente de resistência simbólica, capaz de afirmar a humanidade diante das adversidades. Ao fortalecer o vínculo com a vida, ela permite que o sujeito transite entre a dor do passado e a promessa de um futuro renovado, revelando a capacidade da palavra de transformar sofrimento em força e possibilidades.

A Biblioteca Viva: Um Lugar de Escuta, Criação e Imaginação

Nesta parte da revisão de literatura, Petit (2009) propõe uma visão pulsante da biblioteca: um organismo vivo, culturalmente ativo e socialmente engajado. Ela descreve esse espaço como “conservatório de sentidos” onde histórias são compartilhadas, recriadas e vividas coletivamente, superando o modelo de lugar apenas para empréstimo ou estudo. Nesse contexto, a biblioteca torna-se palco para encontros sensíveis, onde narrativas se multiplicam no silêncio compartilhado e na circulação de afetos.

O valor do silêncio e do tempo na biblioteca-jardim, segundo Petit (2009), não é vazio ou passivo: é um silêncio habitado, que favorece a escuta sensível às palavras e aos sentidos emergentes. Nesse espaço, o leitor investiga suas perguntas interiores, acolhido pela presença silenciosa do outro e do ambiente. A escuta em si é um ato criativo, onde a imaginação pode florescer livre de pressa e ruído.

A biblioteca não é apenas um espaço funcional, mas simbólico. Quando bem cuidada, transmite uma mensagem silenciosa de acolhimento e respeito. Iluminação adequada, conforto e organização contribuem para que o leitor se sinta pertencente. Esse

ambiente convida ao encontro com o texto e consigo mesmo, favorecendo o vínculo afetivo com a leitura (Pereira, 2006, p. 84).

A materialidade do lugar também importa. O chamado “projeto Biblioteca Viva” em diversas cidades brasileiras (como em São Paulo), promove ambientes acolhedores, com mobiliário confortável, espaços para leitura coletiva, sessões infantis e mediação cultural. Essas iniciativas constroem uma biblioteca viva, viva, que respira com a comunidade e redefine seu papel social.

Nesse contexto, a biblioteca deixa de ser um espaço neutro e passa a atuar como um organismo vivo, moldado pelas práticas e vozes que o habitam. Suas ações cotidianas — do acolhimento informal à mediação cultural — transformam o ambiente em território fértil para a construção de significados coletivos. A escuta sensível e o incentivo à participação ativa da comunidade tornam-se pilares centrais dessa nova concepção de espaço público. Assim, a biblioteca não apenas abriga a cultura, mas a produz junto com seus frequentadores, em um processo contínuo de troca simbólica, memória e invenção. Essa dinâmica fortalece os vínculos sociais e amplia o alcance da leitura como prática emancipadora.

A criação literária encontra na biblioteca um espaço de incubação. A promoção de saraus, contações de história e “Literatura Viva” (conversas com autoras) estimula a escrita, a oralidade e a escuta ativa, reforçando o caráter culturalmente dinâmico desse espaço. Para Petit, a biblioteca aqui deixa de ser apenas receptora para se tornar coautora de narrativas comunitárias.

Quando as bibliotecas abrem espaço para manifestações culturais como saraus, contações de histórias e encontros com escritores, elas não apenas incentivam a leitura, mas também promovem o florescimento de novas vozes e narrativas. Esses eventos possibilitam que a comunidade se veja representada, escutada e valorizada. A biblioteca deixa de ser um simples local de empréstimo de livros para se transformar em um polo vivo de cultura e expressão coletiva. É nesse ambiente de trocas simbólicas que se constrói, de forma sensível, o sentimento de pertencimento (Pereira, 2006, p. 91).

Em reflexões complementares, autores como Pereira (2006) identificam que essas práticas promovem a tropicalização cultural do local — são trocas simbólicas, onde vozes diversas recriam sentidos do pertencimento (interpretado a partir de estudos em bibliotecas comunitárias). O impacto é visível: leitores, contadores e

ouvintes participam de um labor cultural, que mistura tradição oral, escrita, performance e escuta coletiva.

A perspectiva intercultural ganha força desta forma: a biblioteca viva integra literaturas, oralidades, memórias e vivências locais e globais, gerando uma cultura viva, plural, em constante mutação. Essa circulação de sentidos reforça o conceito de Petit sobre lugares vivos, que se transformam em cultura e reinventam-se todos os dias.

As bibliotecas que acolhem a diversidade cultural de suas comunidades tornam-se espaços de mediação simbólica e social. Nelas, diferentes expressões — como narrativas orais, saberes populares, práticas artísticas e literaturas periféricas — convivem em diálogo constante. Essa convivência estimula a empatia, amplia o repertório dos sujeitos e contribui para a valorização das identidades múltiplas. A biblioteca, nesse sentido, deixa de ser apenas uma depositária de livros e passa a atuar como agente ativo na construção de uma cultura plural e viva (Pereira, 2006, p. 95).

Esse ambiente de criação e escuta propicia, ainda, o fortalecimento da empatia e da alteridade. Quando ouvimos histórias — de crianças, de velhos, de migrantes ou de músicos periféricos —, somos convidados a entrar em mundos diversos. A biblioteca viva, assim, cumpre um papel de mediação social e intercultural imprescindível, condição que Petit chama de “cultura viva em ação”.

Em suma, a biblioteca viva — temperada pelo silêncio hospitaleiro, pelos encontros compartilhados e pelo cuidado com o espaço — assume o lugar de um laboratório cultural. É a materialização de um conceito poético: não somente um local de leitura, mas um território de criação e imaginação coletiva, capaz de inspirar a participação e reincorporação da cultura na vida cotidiana.

RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

A análise dos textos de Michèle Petit permitiu a identificação de cinco eixos conceituais fundamentais: leitura como experiência poética e subjetiva; a biblioteca como espaço simbólico e afetivo; a mediação cultural como construção de pertencimento; a leitura como ato de resistência e refúgio; e a biblioteca viva como espaço de criação e escuta. Esses núcleos temáticos orientaram a organização da

pesquisa e possibilitaram uma compreensão aprofundada da leitura como prática simbólica e transformadora, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

O primeiro eixo revelou que a leitura, segundo Petit (2009), não é apenas uma habilidade técnica, mas uma vivência que possibilita o sujeito reorganizar internamente o que o atravessa no mundo. Nesse sentido, ler é um gesto de subjetivação, um modo de atribuir sentido ao vivido, reelaborar afetos e resgatar narrativas interrompidas. A leitura oferece um espaço simbólico onde a imaginação pode atuar como ponte entre o real e o possível, entre o sofrimento e a esperança. Isso foi especialmente evidente nas passagens em que a autora relata experiências de leitores em situações-limite — como refugiados, jovens em periferias ou vítimas de guerra.

Outro resultado importante da pesquisa diz respeito à concepção de biblioteca como lugar simbólico. Ao contrário da visão tradicional que entende esse espaço como um repositório de livros ou mero suporte técnico à educação, Petit (2016) propõe a metáfora do “jardim”, um local de cultivo da imaginação, do silêncio habitado e da escuta. A biblioteca, nesse imaginário, torna-se um espaço de acolhimento sensível, onde o leitor não apenas busca livros, mas também encontra tempo, cuidado e possibilidade de se refazer por meio das histórias. Essa concepção se alinha com o pensamento de autores como Chartier (1998), que também defende a biblioteca como território de práticas culturais vivas e diversas.

No eixo referente à mediação cultural, observou-se que o papel dos mediadores — bibliotecários, educadores, contadores de histórias — é tratado por Petit como essencial para ativar os sentidos simbólicos da leitura. Esses sujeitos constroem pontes entre textos e leitores, reconhecendo a singularidade de cada trajetória e respeitando os diferentes tempos e formas de leitura. A mediação, segundo a autora, não se faz com pressa, mas com presença e escuta. Isso implica considerar a leitura como experiência relacional, e o mediador como alguém que habita o espaço do entre, acolhendo o silêncio, a ausência de palavras e o desejo de sentido.

Ao analisar o quarto eixo, que trata da leitura como resistência simbólica, a pesquisa revelou o potencial do livro como abrigo subjetivo e como instrumento de reinvenção da vida. Petit (2009) destaca que “alguns livros salvam vidas”, pois

oferecem ao leitor a possibilidade de nomear suas dores, compartilhar experiências humanas universais e imaginar saídas possíveis para o sofrimento. Ler, nesse contexto, é resistir ao caos, à desumanização e ao apagamento. A leitura permite criar um intervalo simbólico entre o trauma e a ação, entre a dor e o mundo, funcionando como refúgio e força ao mesmo tempo.

Em consonância com essa perspectiva, os relatos analisados por Petit evidenciam que a leitura pode gerar vínculos inesperados: com a infância, com a memória, com a cultura e com o outro. A leitura torna-se uma travessia, um fio que costura fragmentos da existência e ajuda a reconfigurar a identidade. A importância disso é ainda mais acentuada em territórios onde a violência e o silenciamento são constantes. A leitura, nesses espaços, não apenas informa ou educa — ela humaniza.

A análise do conceito de “biblioteca viva” evidenciou a importância de se pensar esses espaços não como instituições fixas e burocráticas, mas como ambientes em constante transformação, atravessados pela cultura viva da comunidade que os habita. A biblioteca, nessa chave, torna-se lugar de criação compartilhada, de encontros e de escuta. Conforme defende Petit (2016), ela deve acolher o tempo da leitura e da imaginação, não impor cronogramas rígidos, mas oferecer abrigo à multiplicidade de histórias que circulam entre suas estantes.

Os resultados da pesquisa apontam, portanto, para a centralidade da leitura e da biblioteca na construção de sujeitos mais sensíveis, críticos e pertencentes ao seu tempo. A articulação entre leitura, mediação e espaço simbólico revela uma potente ferramenta de transformação social, afetiva e cultural. Além disso, sugere a necessidade de políticas públicas que não apenas incentivem o acesso ao livro, mas que garantam espaços de escuta, criação e liberdade estética.

Conclui-se que, ao interpretar as obras de Michèle Petit, torna-se evidente que a leitura é um gesto de resistência, e a biblioteca, um território fértil de imaginação e reconstrução. Ambas são formas de manter a esperança viva em tempos de adversidade. Em um mundo cada vez mais atravessado por incertezas, recuperar o sentido simbólico da leitura é também recuperar o humano em sua dimensão mais profunda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a obra de Michèle Petit revela que a leitura transcende seu aspecto técnico para se tornar um gesto poético, uma experiência subjetiva capaz de transformar a relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo. A leitura, nesse sentido, atua como um dispositivo de resistência simbólica e reconstrução identitária, abrindo espaços onde as vozes silenciadas podem ser escutadas e valorizadas. Isso tem implicações importantes para as práticas educativas e culturais, pois indica que a promoção da leitura deve ir muito além do ensino mecânico da decodificação, envolvendo a criação de contextos que favoreçam o afeto, a escuta e a reinvenção.

Ao situar a biblioteca como um “jardim de sentidos”, Petit convida a repensar esse espaço tradicionalmente ligado à conservação e organização de acervos. A biblioteca deve ser percebida como um território vivo, onde o tempo, o silêncio e a escuta são elementos essenciais para a experiência do leitor. Essa perspectiva desafia os modelos tecnicistas e burocráticos, propondo um olhar mais humanizado e atento à dimensão afetiva e simbólica da leitura. Assim, a biblioteca pode funcionar como um refúgio e um lugar de encontro, contribuindo para o fortalecimento das identidades culturais e sociais.

Outro ponto relevante que emerge desta pesquisa é a valorização do papel dos mediadores culturais. Bibliotecários, educadores e contadores de histórias tornam-se protagonistas na construção de pontes entre os leitores e os textos, sendo responsáveis por criar condições para que a leitura aconteça como um ato de criação e escuta. Essa mediação não é neutra nem mecânica: ela exige sensibilidade, cuidado e uma escuta atenta às singularidades e contextos dos leitores. Desse modo, os mediadores ampliam as possibilidades da leitura, tornando-a um espaço de diálogo e transformação.

A análise das obras de Petit também aponta para a necessidade de políticas públicas que reconheçam e valorizem a dimensão simbólica e cultural da leitura. Investir em infraestrutura, sim, mas sobretudo em processos de mediação e formação de mediadores capazes de acompanhar a diversidade dos leitores e de suas experiências. Isso implica repensar as estratégias tradicionais de promoção da leitura, apostando na criação de ambientes acolhedores e criativos, nos quais o livro seja um convite à descoberta, à escuta e à imaginação.

A pesquisa reafirma que a leitura é um gesto ético que promove o pertencimento e a inclusão cultural. Em tempos marcados por desigualdades e violências, oferecer acesso à leitura e à biblioteca é garantir um direito fundamental de expressão e reconhecimento social. A leitura, portanto, é uma forma de fortalecer o tecido social, possibilitando que vozes marginalizadas encontrem espaço para se expressar e para dialogar. Essa dimensão política da leitura é um dos aspectos mais inovadores e urgentes da obra de Petit.

Outro aspecto que merece destaque nas considerações finais é o convite para que os espaços de leitura sejam concebidos como lugares de criação coletiva e transformação contínua. A ideia de “biblioteca viva” proposta por Petit reforça que a cultura não é estática, mas dinâmica, atravessada por múltiplas vozes e experiências. Este entendimento desafia modelos hierárquicos e excludentes, estimulando a construção de ambientes que valorizem a diversidade cultural e a participação ativa dos leitores.

A presente pesquisa contribui para ampliar a compreensão sobre o papel da leitura e da biblioteca em contextos contemporâneos, especialmente aqueles marcados pela exclusão social, pela migração e pelo conflito. A leitura torna-se uma estratégia vital de resistência simbólica, possibilitando a elaboração de novas narrativas e a reinvenção de vidas. Essa dimensão poética e ética da leitura representa uma esperança diante das adversidades e reafirma o valor do humano na cultura.

Os resultados aqui apresentados indicam, portanto, que investir em leitura, mediação e bibliotecas como espaços simbólicos é apostar na transformação social a partir do reconhecimento da singularidade e da potência criadora dos sujeitos. A obra de Michèle Petit oferece um caminho fecundo para repensar práticas culturais e educativas, orientando-as para a construção de mundos mais sensíveis, inclusivos e poéticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, M.; BORTOLIN, M. **A mediação da leitura literária em bibliotecas comunitárias**: estímulo estético e ampliação de repertório. Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em rede da Releitura – PE, 2008. 1library.org+12portal.amelica.org+12tudosobreleitura.blogspot.com+12. Acesso em 05 de julho de 2025.

A BIBLIOTECA COMO JARDIM VIVO: LEITURA, MEDIAÇÃO E RESISTÊNCIA POÉTICA EM MICHÈLE PETIT. Luciana Ribeiro da CRUZ; Lucélia Ribeiro da CRUZ; Thatiany Milhomem Timóteo de OLIVEIRA. *JNT Facit Business and Technology Journal*. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2025 - MÊS DE JULHO - Ed. 64. VOL. 01. Págs. 302-325. <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

- BARTHES, Roland. **Le plaisir du texte**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: MEC, 1959.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger; CERTEAU, Michel de. **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- FONGARO, Fabiana Rodrigues; STEDILE, Luciane Beatriz. **Importância do acolhimento em bibliotecas públicas para o crescimento do leitor infantil e juvenil**, WebArtigos, 2018. webartigos.com+1portal.febab.org.br+1. Acesso em 05 de julho de 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. groups.google.com+1tudosobreleitura.blogspot.com+1rbbd.febab.org.br+2researchgate.net+2teses.usp.br+2. Acesso em 05 de julho de 2025.
- LIMA, R.; PERROTTI, E. **Mediação cultural e bibliotecas: perspectivas conceituais na ciência da informação no Brasil**. ResearchGate, 2016.
- MEDEIROS NOGUEIRA, Gabriela; VAHL, Mônica Maciel; WILLIS, Arlette Ingran. **A biblioteca como um espaço de acolhimento, inclusão e promoção da diversidade**. Cadernos de Educação, UFPel, nº 62, 2020. periodicos.ufpel.edu.br. Acesso em 05 de julho de 2025.
- PEREIRA, Andréa. **Como o ambiente da biblioteca pode promover o prazer de ler**. 2006. (Citação em METODOLOGIAS). fundacaotelefonicaoativo.org.br+2. Acesso em 05 de julho de 2025.
- PETIT, Michèle. **Rede de Leitura Biblioteca Viva: entrevista com Michèle Petit, autora de Os jovens e a leitura**. Rede de Leitura, 2008. Disponível em: redeleitura.blogspot.com+1pt.scribd.com+1. Acesso em 05 de julho de 2025.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PETIT, Michèle. **Somos todos animais poéticos**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- A BIBLIOTECA COMO JARDIM VIVO: LEITURA, MEDIAÇÃO E RESISTÊNCIA POÉTICA EM MICHÈLE PETIT**. Luciana Ribeiro da CRUZ; Lucélia Ribeiro da CRUZ; Thatiany Milhomem Timóteo de OLIVEIRA. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2025 - MÊS DE JULHO - Ed. 64. VOL. 01. Págs. 302-325. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

PIETRAROIA, Cristina. Somos animais poéticos': obra retrata a arte. **Jornal Nota**, 16 set. 2024. amazon.com.br/jornalnota.com.br/livrariascriptum.com.br. Acesso em 05 de julho de 2025.

PROGRAMA BIBLIOTECA VIVA. Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa – SP. Prefeitura de São Paulo, 2019. reddit.com+12prefeitura.sp.gov.br+12. Acesso em 05 de julho de 2025.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. **Mediação cultural e bibliotecas: perspectivas conceituais na Ciência da Informação no Brasil**, *Encontros Bibli*, v. 24, n. 54, p. 1-13, 2019. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019v24n54p1>. Acesso em 05 de julho de 2025.

TARGINO, Maria das Graças. Mediação cultural e da leitura como estratégia de inclusão social: bibliotecas comunitárias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v.16, 2020. rbbd.febab.org.br. Acesso em 05 de julho de 2025.

VAHL, Mônica. A biblioteca pública e a promoção da diversidade cultural: uma abordagem crítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 56-72, 2015. <https://www.scielo.br/>. Acesso em 05 de julho de 2025.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Imago, 1975.